

BREVE NOTÍCIA SOBRE A FILOSOFIA DA RENASCENÇA

João RIBEIRO JÚNIOR

A tomada de Constantinopla por Maomé (Mohamed) II, em 1453, marca, para a História Universal, a época moderna, e para a filosofia, como para a arte e a literatura, o período da Renascença. Os intelectuais que, acossados pelos turcos, de Constantinopla espalharam-se pela Europa, na segunda metade do século XV; a reforma religiosa de Lutero, especialmente de Calvino e de Teodoro Béza; e as grandes descobertas científicas, entre outras, de Copérnico, de Galileu e de Képler, determinaram uma profunda revolução intelectual em todo o mundo civilizado. A invasão otomana, apossando-se da “pérola do Oriente” e guarda avançada da civilização ocidental, imprimiu extraordinário impulso ao progresso mundial e, principalmente, ao europeu.

O século XVI foi particular e profundamente fecundo em gênios, que transformaram e aumentaram notável e brilhantemente os conhecimentos gerais, desbravando mares e continentes; descobrindo novos mundos; difundindo a ciência oriental no ocidente e aperfeiçoando a sabedoria humana pelo estudo profundo da natureza; sublimando, enfim, a literatura e a arte a culminâncias jamais excedidas. Miguel Ângelo, Cristóvão Colombo, Leonardo da Vinci, Dante, Rafael, Lutero, Camões, Galileu, Brunelleschi, Shakespeare, Képler, Donatello, Vasco da Gama, Copérnico, Cabral, Fra-Angélico, Américo Vespúcio, Bramante, e outros gênios e talentos insignes, iluminaram intensamente os séculos da Renascença, imortalizando-os no cômputo dos tempos. Na filosofia brilharam principalmente Ramus, Bodin, La Boétie, Montaigne, L'Hospital, Rabelais, em França; Maquiavel, Vanini, Pico de la Mirandola, Marcílio, Ficino, Pomponace e Cesalpini, na Itália; Nicolau de Cusa e Jacob Boehme, na Alemanha. O inglês Francis Bacon, os italianos Giordano Bruno e Campanella e o francês Descartes, pertencem já ao século XVII e, portanto, à filosofia moderna.

Alguns desses filósofos renascentistas são conhecidos; outros, sequer são citados em certas histórias da Filosofia; contudo, todos eles são importantes na história do pensamento. Eis o perfil de cada um deles:

Pierre la Ramée (Ramus), nascido em 1515 na Picardia, e falecido em 1572, procurou Paris aos 15 anos e empregava as horas vagas que lhe deixava a sua modestíssima condição de criado de um estudante, no estudo da filosofia. Começou por Aristóteles, não o da escolástica, isto é, o que na Idade-Média era mal conhecido e deturpado pelos comentadores da época; mas sim pelo verdadeiro filósofo de Estagira, cujas doutrinas só no século XV foram divulgadas no Ocidente, segundo as versões de Averróis e de Alexandre de Afrodise. Não o satisfazendo a filosofia peripatética. Ramus voltou-se para Platão, e tanto se entusiasmou com a doutrina deste filósofo que dela se serviu para combater a ciência aristotélica, nos seus livros *Animadversiones Aristotelicae* e *Dialecticae Partitiones*. Atacar a essência científica do ídolo da época era incorrer no desagrado da Universidade e da Igreja, e por isso os seus livros foram condenados pela Universidade de Paris, e queimados em virtude de sentença régia. Este filósofo não nos deixou sistema próprio; todavia os seus estudos exerceram influência na Renascença por patentearem, comentando-as, as verdadeiras doutrinas dos dois grandes filósofos gregos, que ele discutiu e, especialmente, as diferenças essenciais entre elas.

Etienne de La Boétie (1530-1563), partidário ardente e convicto da liberdade, demonstra, no livro *Dicours sur la Servitude Volontaire*, que os homens nasceram todos livres e iguais, e que se há tiranos é porque os povos os consentem. “Basta querer para poder”. Este pensador foi, portanto, um dos precursores da *Enciclopédia* e da revolução social e política que dois séculos mais tarde devia abalar o mundo e profundamente transformar as suas instituições.

Michel de Montaigne (1533-1592), amigo íntimo do antecedente, é, em filosofia, um cético. Afirma a impotência da razão humana e a vaidade do dogmatismo científico. Ele não criou nenhum sistema filosófico; era muito cético e irônico para isso; porém os seus vastos conhecimentos e a originalidade do seu estilo tomaram-no popular. Os seus *Essais* imortalizaram-no.

Pierre Charron (1541-1603), seu discípulo, foi também um demolidor e erigiu a dúvida em sistema. Para ele, só o ceticismo pode conduzir à liberdade filosófica. Publicou *La Sagesse*.

François Rabelais (1494-1553), o famoso autor dos livros **Pantagrue** e **Vie Inestimable du Grand Gargantua, Père de Pantagrue**, exerceu também enorme influência no renovamento literário, filosófico e científico da Renascença. Filósofo cético, ele professa, todavia, o culto da verdadeira ciência, e a sua crítica é erudita e profunda. A arma de que ele se serve é o ridículo, e o seu estilo, quase sempre jogralesco e sarcástico, foi uma alavanca terrível a derrubar os últimos redutos dos preconceitos medievais.

Jean Bodin (1530-1596), no livro **République**, foi o refutador, em França, das doutrinas de Maquiavel. O seu mérito máximo é o de ter aplicado a jurisprudência à política, muito antes de Montesquieu. Depois de examinar os vários sistemas conhecidos de governar os povos. Bodin adota um meio termo entre a monarquia e a república, o que além de não ser uma solução satisfatória, complica ainda mais o problema político.

Michel de L'Hospital (1505-1573), chanceler de França, proclamou mais do que nenhum outro publicista do seu tempo, a idéia de um direito natural que libertasse a política da religião e inspirasse-lhe a ação civilizadora. Para ele, a liberdade de consciência é a maior e a mais pura das liberdades. É absolutamente necessário deixar em paz o espírito e a consciência dos homens que não podem ser curvados pelo ferro nem pelo fogo, mas unicamente pela razão, que domina as almas. Por ocasião da chacina de São Bartolomeu (24-8-1572), quando foram mortos cerca de 20 mil huguenotes (3 mil só em Paris), os fanáticos invadiram-lhe a residência, mas respeitaram-lhe a vida. Todavia, esta afronta ocasionou-lhe brevemente a morte. Escreveu, entre outros, um **Traité de la Reformation de la Justice**.

Niccolò Maquiavel (1469-1527), um dos nomes mais conhecidos e execrados da humanidade, talvez por não ser nem indiferente, nem cínico, nem irresponsável. Deixou-nos uma obra original **O Príncipe**. A essência doutrinária é a do artifício, ou fingimento, da perfídia e da completa ausência de consciência e de escrúpulo. Ao matar, enganar, trair, os príncipes e os republicanos de Maquiavel fazem coisas más que a moralidade comum não pode tolerar. O grande mérito de Maquiavel é que não nega este fato. Marsílio, Hobbes, Spinoza e, ao seu modo, Hegel e Marx tentaram negá-lo, como também o tentaram muitos defensores da *raison d'état*. Mas uma coisa é aceitar algo na prática e outra justificá-la racionalmente. É este último processo que os escritos "escandalosos" de Maquiavel iniciaram. Esse representou um momento decisivo, e suas conseqüências, que seu criador jamais previra, tornaram-se, por uma feliz ironia da história (que uns

chamaram sua dialética) a base do próprio liberalismo, que Maquiavel certamente condenaria por ser fraco, carente de uma procura coerente do poder, de esplendor, organização, virtú e capacidade de disciplinar homens insubordinados contra grandes disparidades, juntando-os num todo forte.

Pietro Pomponace (1462-1525), fundador da escola filosófica de Pádua; escreveu *Traité de l'Immortalité de l'âme* e *De Fato*, onde combate e refuta as doutrinas peripatéticas, considerando-as contrárias à Igreja. Se o povo tem necessidade de crer no inferno para não ser criminoso, é que ainda estão em germe as suas idéias morais. A verdadeira virtude tem em si mesma a sua recompensa essencial.

Andrea Cesalpin (1519-1603) e **Lucílio Vanini** (1585-1619) consideram Deus não como a causa, mas como a substância do mundo. Mais naturalista do que filósofo, o primeiro opina que assim como os insetos nascem da putrefação, todas as coisas nasceram na época em que era mais intenso o calor celeste. Já Vanini, discípulo de Pomponace, proclama, com Aristóteles, a eternidade da matéria dotada de movimento próprio. Condenado à morte pelo parlamento de Toulouse, como ateu, herético e blasfemador, antes da execução o carrasco arrancou-lhe a língua com tenazes em brasa. Vê-se que os sábios da Renascença, como os da antigüidade e da Idade-Média, pagaram também o seu tributo de sangue aos poderosos do momento, que sentiam fugir-lhes o domínio das consciências.

Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), aos dezenove anos propôs a todos os sábios de seu tempo, uma espécie de sabatina filosófica, em Roma, sobre novecentas teses científicas. O resultado foi sua condenação como herege pelo papa Inocêncio VIII (1484-1492). Foi somente com Alexandre VI (1492-1503), que Pico conseguiu o perdão. Sua obra tem um certo gosto neoplatônico, cujo objetivo fundamental situa-se para além de ressuscitar antigos e mais ou menos conhecidos princípios mágicos e de introduzir novos. A sua ambição consistia em conciliar o aristotelismo, já oficialmente sancionado, com o platonismo, que os humanistas do Renascimento voltavam a estudar. Pico procurou executar este projeto com o auxílio da Cabala.

Marsílio Ficino (1453-1499), foi o principal ornamento da academia platônica que Cosme de Médicis fundou em Florença em 1460. Traduziu Platão e Plotino. O objetivo declarado deste filósofo é o de renovar e promover a união entre religião e filosofia. O próprio título da principal obra de Ficino exprime-lhe a intenção : *Theologia platônica*, ou seja,

renovar a especulação cristã, ligando-a ao platonismo. Para ele, o homem é um elemento indispensável da ordem e da unidade dinâmica do mundo.

Bernardino Telésio (1509-1588), seu interesse é mais científico do que filosófico. Ele tentou a redução naturalística da vida intelectual e moral do homem e fez desta redução o fundamento e a justificação do valor de uma e de outra. Telésio admite três princípios ao tratar da natureza das coisas dois incorpóreos: o calor e o frio; um corpóreo; a matéria. Foi deles e das suas combinações que nasceram as coisas. A ciência deve-lhe idéias novas sobre o movimento dos corpos celestes, o ângulo da incidência e da reflexão da luz; sobre a queda dos corpos, etc. O seu continuador natural é Galileu.

Tomas Moro (Morus) (1478-1535). Este filósofo inglês (e santo) celebrizou-se pelo seu livro *Utopia*, que descreve sob esse nome um país cujos habitantes não possuem propriedades e quando, por exemplo, necessidade de um imóvel, pedem-no ao magistrado. A base da sociedade é a família, composta de quarenta membros e dois escravos. Todos os cargos são eletivos; e duzentos chefes, cada um de dez famílias, elegem o rei e servem-lhe de conselheiros. Exceto as mulheres, tudo é comum entre os habitantes. O ouro é desprezado, servindo apenas para correntes de amarrar os presos e para brincos-distintivos dos malfetores. As refeições são servidas em comum e o excesso é o único limite dos prazeres. Não obstante ser chanceler da Inglaterra, moro foi decapitado por não querer reconhecer a potência espiritual do rei Henrique VIII.

Nicolo de Cusa (1401-1464), cardeal alemão, combina a filosofia com as matemáticas, especialmente com a doutrina pitagórica dos números. Deus revela-se por símbolos matemáticos, permanecendo, contudo, inacessível em si mesmo. Cada coisa contém um desejo natural de atingir um estado melhor e superior àquele que a sua própria natureza comporta, e de agir empregando os instrumentos necessários a esse fim. Assim, pelo peso da própria natureza, cada coisa atinge e repousa no seio do objeto amado. A primeira observação afigura-se-nos profundamente verdadeira, a segunda é criticável, porquanto, a não ser que o cardeal-filósofo se refira ao repouso de além-túmulo, porque na Terra nem todas as coisas repousam "pelo peso da sua própria natureza" no seio do objeto amado. Sua principal obra tem por título *De Docta Ignorantia*.

Jacob Boehme (1575-1624), também alemão, é um filósofo profundamente místico. Paupérrimo, foi obrigado, para sobreviver, a fazer-se sapateiro, circunstância que não lhe permitiu instruir-se além das primeiras letras, mas à força de talento e de gênio, este grande visionário

conseguiu interessar a ciência até ao limite das possibilidades naturais, isto é, enquanto ele não se perdeu nos domínios do sobrenatural. Todas as coisas visíveis encobrem um grande mistério, segundo ele. Tudo o que vive encerra a dualidade da ternura e da violência, da doçura e da amargura, do bem e do mal; tudo o que não obedecer a esta regra está morto. Pelas suas visões sobrenaturais, descritas no livro *L'Aurore a son Lever*, alguns críticos o consideram um louco, enquanto que outros, pelas suas doutrinas, o proclamam o precursor da metafísica alemã (Spinoza, Schelling, Hegel).

Cornélio Agrippa, Erasmo, Simão Porta, César Cremonini, Nizzoli, Paracelso, Patrizi, Aconcio, Sanches, Ochino, além dos grandes reformadores, Lutero, Calvino, Zwinglio, Servet, Teodoro Béza, impulsionaram o movimento ao mesmo tempo religioso, social, científico, político e artístico que constitui a Renascença, época em que a humanidade, começando definitivamente a libertar-se dos tradicionais preconceitos, entra na órbita da modernidade, iluminada pelos gênios de Descartes, Leibniz, Spinoza, Bacon, Pascal, Berkeley, Hobbes, Locke, Hume, Rousseau, Montesquieu, Malebranche, Kant, Hegel, Schelling, Shopenhauer, Spencer, Darwin, Stuart Mill, Bentham, Hamilton, Augusto Comte, Victor Cousin, Diderot, D'Alembert, Proudhon, Taine, Guyau, Ribot, Bergson, e outros. Essa brilhante e formidável expansão da filosofia nas épocas moderna e contemporânea foi iniciada na Renascença, e, principalmente, nos séculos XV e XVI pelo concurso dos sábios de Constantinópla e pelas descobertas de Colombo, de Gama, de Vespúcio, na amplidão dos mares, e de Galileu, Copérnico, Tycho-Brahe e Kepler na imensidade dos céus. Como que o espírito humano dilatou-se nos mistérios do infinito; e as paletas e cinzéis de Miguel Ângelo, de Rafael, de Leonardo da Vinci, de Bramante e de muitos outros artistas surpreenderam nos esplendores da Natureza a sublimidade da Arte.

Doravante, a palavra pertence, mais do que nunca, à filosofia, e é ela que assimilando os conhecimentos do passado e as aquisições do presente, vai sublimar-se a culminâncias jamais atingidas pela intelectualidade humana, na ânsia eterna e insaciável de saber e de amar.